



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 30/12/2020

CHINA	2
Asociación de importadores reclama que se hagan controles de COVID	2
BRASIL	2
Exportaciones de carnes rompieron un nuevo récord: sumaron US\$ 8500 millones.....	2
URUGUAY	3
La oferta de ganado gordo sigue escasa	3
Cambios en condiciones arancelarias en mercado europeo y asiático afectarán a Uruguay.....	3
Gonzalo Oleggini: “La brecha arancelaria con los competidores es imposible de acortar”	5
Las bases del plan estratégico quinquenal de INAC.....	5
Firmas de convenios para impulsar el comercio de carnes en China.....	7
Instituto de la Carne de Uruguay instala oficina en China para mejorar gestiones y promoción	7
PARAGUAY	8
El año cerrará con récord de exportación de carne bovina	8
Paraguay mayor proveedor de carne vacuna de Chile en 2020	8
Frigoríficos analizan consumo de carne en Chile para prever las ventas de enero	8
Algunos frigoríficos acordaron seguir con las faenas kosher hasta marzo	8
Presidente de Senacsa sobre China: “Es la decisión económica más importante de Paraguay”	8
UNIÓN EUROPEA	9
BREXIT - Cierran el acuerdo de desvinculación del Reino Unido	9
<i>El acuerdo</i>	10
<i>Próximos pasos</i>	11
UE y China concluyen negociaciones para un acuerdo sobre inversiones	11
Sentencia del Tribunal de Justicia de la Unión Europea: Los Estados podrán imponer el aturdimiento en los sacrificios por ritos religiosos.....	12
ESTADOS UNIDOS	13
Trabajadores de frigoríficos de EE.UU. entre los primeros a ser vacunados contra Covid-19.....	13
Analizando la dinámica del stock ganadero	14
VARIOS	15
NUEVA ZELANDA: Brexit lesiona al sector de carnes bovinas y ovinas	15
BOLIVIA aumentó 296% las exportaciones de carne tras la apertura de CHINA	15
EMPRESARIAS	16
Piden a frigorífico brasileiro una indemnización de 6,8 millones de euros por la venta de carne de origen ilegal	16



CHINA

Asociación de importadores reclama que se hagan controles de COVID

Coronavirus 5 hours ago (Dec 29, 2020 07:00AM ET)

BEIJING (Reuters) - Chinese meat importers and processors have called on exporters in countries with COVID-19 outbreaks to step up checks on shipments before they are sent to the world's biggest market, the country's top industry group said.

"China has been importing a large quantity of meats this year, and has detected virus on the packaging of cold chain products many times, even as lots of disinfection has been done domestically," Gao Guan, spokesman for the China Meat Association, said by telephone on Tuesday.

"It should be better to handle this (virus control) at the meats exporting origins, and carry out disinfection at the production plants," as the cost would be lower, and efficiency higher, Gao added.

China has ramped up disinfection and virus testing on frozen food after it found coronavirus on imported products and packaging.

The measures have pushed up costs, disrupted trade, and irritated major exporters.

The semi-official industry body suggested exporters in COVID-19 hit countries should disinfect the outer packaging of products and the inner side of containers before sealing export products, a statement published on the association's official WeChat account said at the weekend.

The initiative was proposed to "ensure the safety of imported cold-chain food and boost consumers' confidence in imported cold-chain products," the statement said.

The proposal came after some major exporters, including JBS in Brazil, started to take measures including extensive disinfection of products and storage sites, to supply China with safe products, Gao said.

Reported cases have shown that contact with packaging contaminated with coronavirus could lead to human infection, said the Chinese association.

The World Health Organization has said the risk of catching COVID-19 from frozen food is low. Chinese officials echoed that such risk was low, but there was still a risk.

"The virus is new. We are still accumulating experience when fighting against it," Gao said.

"We should get together and discuss how to use the most scientific, efficient and low-cost way to secure public health, and trade at the same time," Gao added.

BRASIL

Exportaciones de carnes rompieron un nuevo récord: sumaron US\$ 8500 millones

Com o apetite chinês aguçado, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes projeta um mercado em crescimento em 2021

18/12/2020

O ano mais fabuloso para a produção de bovinos de corte só poderia encerrar com uma boa notícia: as exportações de carne em 2020 devem faturar US\$ 8,53 bilhões. O valor é 11,8% superior ao de 2019, sobre 2,02 milhões de toneladas de carne embarcadas neste ano, o que deve representar 8,8% a mais sobre o ano passado. Os dados fazem parte das projeções da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), anunciados nesta manhã de sexta-feira (18/12).

A boa performance do ano aponta para mais um recorde no setor. Até então, os números de exportação, em 2019, eram os mais expressivos da história do comércio internacional da carne bovina brasileira. No ano passado, o Brasil faturou US\$ 7,63 bilhões com a venda de 1,86 milhão de toneladas.

O presidente da Abiec, Antonio Jorge Camardelli, durante coletiva à imprensa nesta sexta-feira. Foto: Reprodução

Em relação ao futuro, o mercado exportador deve continuar demandado. "Para 2021 fizemos algumas projeções conservadoras. No entanto, o Brasil deve registrar um crescimento no próximo ano", diz o médico veterinário Antonio Jorge Camardelli, presidente da Abiec.

A estimativa é de que o País fature US\$ 8,79 bilhões com o comércio de 2,14 milhões de toneladas de carne no próximo ano. O crescimento projetado é de 3% de faturamento na comparação com a estimativa de 2020, e de 6% sobre a quantidade. No mercado global de proteína, o comércio asiático continuará demandando cada vez mais a proteína bovina brasileira.

Fator China

Atualmente, o Brasil possui 35 unidades frigoríficas habilitadas à exportação para o gigante asiático. Para o ano que vem, mais 26 unidades estão prestes a ter a habilitação autorizada. O ritmo de maior abertura tem um porquê: uma maior demanda por parte dos chineses.

"Essa foi a fala do próprio embaixador da China numa das visitas recentes que nós, da Abiec, fizemos ao país. Até 2027 eles dizem que vão precisar de 8 milhões de toneladas de carne. Então, a demanda está garantida", diz Camardelli.



Mas, segundo o executivo, não há estimativas da fatia que o Brasil poderia abocanhar. No entanto, ele acredita que se o País continuar seguindo o atual modelo de trabalho pode disputar com força esse mercado. Mesmo diante de fortes concorrentes, como os Estados Unidos e a Austrália. Camardelli que o setor vem trabalhando para cumprir todos os protocolos de sanidade e requerimentos estipulados pelos chineses.

A conquista de mais espaço no gigante asiático será um dos grandes trabalhos da Abiec daqui para frente, juntamente com o apoio do governo federal. Um dos projetos da entidade é fincar os pés em território chinês, com a abertura de um escritório em Pequim. O plano inicial era para este ano, mas a pandemia adiou o feito e ainda não há uma nova data para essa agenda.

Destinos

Entre os clientes asiáticos, considerando os dados consolidados de janeiro até novembro, a China responde por uma enorme parcela das exportações, de 42,3% do total vendido. O segundo maior destino foi outro asiático: Hong Kong, que é um território autônomo da China e que envia a grande parte de suas compras ao país. Hong Kong absorveu 290,3 mil toneladas, 15,73% da carne bovina nacional. O terceiro maior mercado foi o Egito, com 6,63% (122,4 mil toneladas), seguido pela União Europeia com 4,83% (89,2 mil toneladas).

URUGUAY

La oferta de ganado gordo sigue escasa

29/12/2020 - Sin presión de la demanda el mercado se estabiliza

El mercado de haciendas parece haber encontrado estabilidad en los valores y la demanda no presiona sobre la oferta, buscando evitar que se disparen los valores del ganado.

Si bien hay rumores de negocios con novillos de punta a US\$ 3,30 por kilo, las referencias están bastante por abajo.

En ese sentido, el consignatario Carlos de Freitas, principal de la firma Carlos de Freitas & Cía., dijo a El País que se manejan como valores de referencia para el novillo gordo especial en el eje de US\$ 3,20 a US\$ 3,25 por kilo.

En el caso de la vaca gorda especial -bien pesada y terminada- las referencias se centran en el eje de US\$ 3,05 por kilo. “La oferta de ganado gordo continúa siendo escasa”, admitió el consignatario de ganado. “Es más vendedora en los lugares donde el clima no fue tan benigno” y se precisa sacar ganado de los campos y “menos vendedora en los lugares donde llovió bien”, explicó de Freitas.

En las zonas donde las lluvias ayudaron a recomponer las pasturas, los productores aprovechan a darle más kilaje a los ganados y esperan mejores valores para vender. Por el contrario, en las zonas donde el clima aprieta, los vendedores son más flexibles a negociar.

Desde la óptica del entrevistado, “el mercado de cara a la segunda quincena de enero comenzará a armarse a partir de hoy martes. Noté la semana pasada como que los compradores no estaban presionando sobre la oferta. Estaban más bien expectantes para comenzar a conversar”.

Ni la industria exportadora presiona la demanda por la desaceleración del mercado mundial de carnes, ni el abasto muestra avidez por vaquillonas, categoría cuya demanda se ve incrementada sobre finales de año, apostando al verano en el Este. “Hay una oferta de vaquillonas muy grande, pero no hay puja en el abasto por esta categoría”, destacó de Freitas.

La poca demanda hace parecer a la oferta como excepcional y contrasta con el panorama que vivían los productores en años anteriores.

Según los datos del Instituto Nacional de Carnes generados hasta el pasado sábado 19, la faena de vacunos cayó 10,8% comparado con igual semana del año pasado. Los frigoríficos industrializaron 44.805 cabezas bovinas y en la semana se mataron 1.949.083 vacunos.

A su vez, con la menor demanda del abasto, la faena de vaquillonas cayó 9,5% (en las mismas fechas de la comparación anterior), habiendo pasado por los frigoríficos 271.389 cabezas bovinas.

Cambios en condiciones arancelarias en mercado europeo y asiático afectarán a Uruguay

29/12/2020 - En 2021 ocurrirán cambios en las condiciones de acceso arancelario en el mercado internacional de carne bovina. Uruguay se verá afectado de forma directa e indirecta por varias modificaciones en el mercado europeo y asiático

El próximo año ocurrirán cambios en las condiciones de acceso arancelario en el mercado internacional de carne bovina. Se identifican varios que tendrán impacto en la cadena cárnica nacional. Algunas innovaciones afectan a Uruguay directamente, mientras que en otros casos el efecto es indirecto, por actuar a través de competidores. Varias de ellas se darán en Europa, mientras que otras ocurrirán en Asia. Algunos de estos hechos responden a resoluciones tomadas años atrás para las cuales se delineó una aplicación gradual (calendarios de desgravación). Otras derivan de cambios con entrada en vigor inmediata como, por ejemplo, el Brexit.



A pesar de sus diferencias, estos hechos cuentan con algunas características en común: los cambios ocurren como resultado de acuerdos y resoluciones entre terceros países en los cuales Uruguay no ocupó un rol protagónico. Otra característica común, parcialmente derivada de la anterior, es que los cambios son negativos para la cadena cárnica nacional.

Las condiciones de acceso arancelario de la carne uruguaya se deteriorarán en 2021.

En Europa se reducirá el volumen del cupo 481 y existirá menos flexibilidad en Hilton y otras cuotas que la carne uruguaya utiliza para acceder a estos mercados.

En Asia habrá un aumento de la brecha arancelaria en comparación con nuestros competidores. En la medida que Uruguay no alcance acuerdos comerciales con estos países, las brechas continuarán aumentando.

Reducción en el volumen de la cuota 481

El acuerdo entre la Unión Europea y Estados Unidos a finales de 2019 resultó en que se garantice uso exclusivo a Estados Unidos de una porción del cupo 481. Esta cuotaparte aumenta en escalones anuales. El cupo 481 tiene un volumen anual de 45.000 toneladas Peso Embarque (PE). En 2020, el subcontingente de uso exclusivo para Estados Unidos equivalía al 41% del volumen total. En 2021, esta cifra ascenderá hasta 51%. Esto implica una reducción de 4.500 toneladas en el subcontingente que pueden utilizar terceros países.

En 2020 Uruguay utilizó el 45% de este subcontingente, por lo que la pérdida de acceso estimada será de 2.000 tons PE aproximadamente. Considerando el precio de exportación de los últimos años, esto equivale a una facturación de aproximadamente US\$ 18 millones.

Imposibilidad de utilizar la cuota 481 para exportar al Reino Unido

Brexit cambia el escenario de acceso para la carne bovina en Europa. A partir del 1/1/2021 la cuota 481 continuará siendo un mecanismo de acceso válido para la Unión Europea. La novedad es que el Reino Unido no será parte de dicha unidad aduanera. De este modo, el contingente que antes permitía colocar producto en 28 países, a partir del año nuevo será válido en 27 naciones y no podrá utilizarse para exportar al Reino Unido.

La carne a grano que utilizaba este contingente para acceder a las islas británicas ahora deberá pagar aranceles equivalentes al 40% – 50% del valor exportado. En este sentido es relevante considerar que, en el pasado, ha sido infrecuente que empresas uruguayas utilicen cupo 481 para exportar al Reino Unido. Casi la totalidad de las toneladas que se han beneficiado de este mecanismo de acceso han tenido por destino al continente europeo.

Aporcionamiento de cupos entre Unión Europea y Reino Unido

Uruguay exporta carne bovina y ovina a la UE a través de cuotas. Utilizando estas cuotas, los aranceles a pagar se reducen. Algunas de estas cuotas son de uso exclusivo para nuestro país (Hilton y cuota ovina), mientras que otras son para todos los países habilitados (GATT y Bilan).

Como resultado del Brexit, la Unión Europea y el Reino Unido resolvieron dividirse el volumen de las cuotas existentes y administrarlas separadamente. Por ejemplo, el cupo Hilton de Uruguay es de 6.376 tons PE para UE 28.

Luego del aporcionamiento, se podrá utilizar 5.606 tons PE en UE27 y 770 tons PE en el Reino Unido. Esta división no reduce la cantidad de toneladas disponibles, pero sí afecta la flexibilidad, lo cual genera menos renta que el estatus actual.

Reducción arancelaria para competidores: China

Australia verá reducirse el arancel que paga para exportar a China desde 4,8% a 3,6%. Esta es una consecuencia del acuerdo comercial firmado entre ambas naciones en 2015.

Uruguay, al igual que los demás países del Mercosur, paga arancel de 12% para exportar a China. Esto hace que la brecha arancelaria aumente. Esta no es la peor desventaja arancelaria que se experimenta en este mercado, dado que Nueva Zelanda no paga aranceles.

Reducción arancelaria para competidores: Japón

Siete exportadores verán que el arancel que pagan para exportar a Japón se reduce desde 25,8% hasta 25%. Los países en cuestión son Australia, Nueva Zelanda, Estados Unidos, Canadá, México, Unión Europea y Reino Unido. Adicionalmente verán incrementos en el volumen de su salvaguarda y en el arancel aplicable cuando se supera la salvaguarda (cae de 38,5% a 30%). Esta rebaja está incluida en el calendario de desgravación del Acuerdo Transpacífico (CPTPP) y en varios acuerdos comerciales bilaterales (con Estados Unidos, con la Unión Europea y con Reino Unido). Estos acuerdos son posteriores a 2018.

Uruguay paga 38,5%, por lo que la brecha arancelaria será de 13,5% el año entrante. Uruguay es el único exportador a este mercado que no experimenta ventajas arancelarias. Uruguay representa menos de 1% del valor importado por Japón. Argentina y Brasil no tienen acceso sanitario a este mercado. En términos arancelarios, están en la misma situación que Uruguay.

Reducción arancelaria para competidores: Corea del Sur



Las rebajas arancelarias que ocurrirán en Corea del Sur involucran a menos exportadores, pero en una intensidad mayor. Estados Unidos, Australia y Nueva Zelanda experimentarán reducciones de 2,7 puntos porcentuales en los aranceles a pagar. Como resultado, estarán expuestos a alícuotas de 13,3%; 18,6% y 21,3% respectivamente. Además verán incrementos en el volumen de su salvaguarda. Estos tres países representan más de 97% del valor importado. Los acuerdos entre estos países tienen entre 5 y 15 años, dependiendo del caso.

Uruguay paga 40% de arancel para ingresar a este mercado. En Corea del Sur es donde se experimenta la mayor brecha arancelaria: entre 15 y 20 puntos porcentuales aproximadamente dependiendo del competidor. Uruguay representa entre 0,1% y 0,2% de la importación de Corea del Sur. Argentina y Brasil no tienen acceso sanitario a este mercado. En términos arancelarios, están en la misma situación que Uruguay.

Como conclusión, se identifica que en Europa se reduce la flexibilidad y el volumen de algunas de las cuotas que la carne uruguaya utiliza para acceder a estos mercados. Por otra parte, en Asia, el menoscabo deriva de una mayor brecha arancelaria que imprime presión bajista a los precios de exportación nacionales. En la medida que Uruguay no alcance acuerdos comerciales con estos tres países, la brecha arancelaria continuará aumentando en los próximos años.

Gonzalo Oleggini: “La brecha arancelaria con los competidores es imposible de acortar”

29/12/2020 - En 2019 Uruguay pagó por concepto de aranceles un total de US\$ 341 millones, prácticamente, la totalidad de estos pagos correspondió al sector agropecuario, siendo la carne bovina el 60% del total.

Al respecto, Gonzalo Oleggini, consultor en temas internacionales, explicó que estos datos se desprenden de una realidad que la consultoría internacional viene luchando desde hace muchos años para reducir el pago de aranceles, sabiendo que el único camino son los acuerdos comerciales.

“Una de las primeras conclusiones es que exportamos muy poco. Es una realidad. Estamos estancados hace cuatro o cinco años y estamos en la línea. Nos cuesta cruzar los US\$ 10 mil millones en exportaciones. Es bastante bajo”, señaló.

Además, lamentó que el producto más afectado sea la carne bovina, el producto estrella porque de los US\$ 350 millones, unos US\$ 200 los pagó la carne. “Tenemos una luz amarilla por ese lado. Es menos margen de negociación para los exportadores. A la hora de negociar el precio obviamente eso está arriba de la mesa”, dijo.

Otro punto que juega en contra es la competencia.

“Estamos frente a competidores con iguales productos, como Australia o Nueva Zelanda que tienen acuerdos funcionando y van en proceso que esos aranceles sean 0. Vamos a caer en un pozo en cuatro o cinco años por la enorme diferencia”, advirtió.

En tanto, sostuvo que “la brecha arancelaria con los competidores es imposible de acortar”, porque ese momento va a llegar y el impacto va a existir. “Aunque hoy empezamos a negociar acuerdos, la situación la vamos a igualar en 10 años. Ya estamos con retraso y no hay manera de recortar esa diferencia. Los calendarios para este tipo de cosas se manejan entre 8 y 12 años. Más en productos como los nuestros que tienen muchas restricciones a nivel global”, explicó.

Entre otras cuestiones, el especialista mencionó que los acuerdos de Australia y Nueva Zelanda con China es donde va a radicar la mayor diferencia con Uruguay y advirtió que habrá una pérdida grande de competitividad.

Las bases del plan estratégico quinquenal de INAC

24/12/2020 - EUROCARNE | En conferencia de prensa, el Presidente de INAC Fernando Mattos se refirió al contexto del mercado de carnes y envió un mensaje a todo el sector en relación al momento que nos toca vivir en Uruguay y el mundo por la situación de pandemia. El titular del Instituto estuvo acompañado por gerentes del Área de Negocio; Pablo Caputi de Conocimiento, Jorge Acosta de Información, Fernanda Cuervo de Mercado Interno y Lautaro Pérez de Marketing.

Durante la conferencia, INAC presentó su plan estratégico para los próximos 5 años, en el cual se incluirán todas las carnes. En una década se aspira a que Uruguay produzca 1 millón de toneladas de todas las carnes, garantizando el abastecimiento local y una mayor presencia en los mercados internacionales. En carne bovina se apunta a posicionar a Uruguay entre los 3 países que exportan a mayor valor su producto, en base a una mejora en el acceso y al desarrollo de la marca.

El plan fue definido por la Junta y será enriquecido junto al Ministerio de Ganadería y agentes privados, para darle más proyección y solidez. Se contemplarán todos los compromisos de sostenibilidad ambiental y social asumidos por nuestro país en los foros internacionales y establecidos en los lineamientos políticos del gobierno.

Elaborado en un año particular, de inicio de gestión en contexto de pandemia, toma factores relevantes a largo plazo, que permiten sentar bases para mejorar el posicionamiento del sector cárnico de Uruguay.



Pese a los efectos de la pandemia, INAC destaca que el sector ganadero y el cárnico han logrado con trabajo conjunto, perseverancia y cooperación mantener en funcionamiento todos sus sistemas, sin desabastecimiento ni suba de precios.

El primer factor a tener en cuenta para el futuro es que la demanda mundial genera una oportunidad de colocación para todas las carnes teniendo en cuenta la existencia de un balance deficitario.

El segundo factor es la integridad de producto dado que los principales mercados están demandando este atributo además de una producción generada con cuidado del medio ambiente.

En tercer lugar se destaca el crecimiento que las carnes pueden aportar para el PBI y el empleo en el país.

Por último, se subraya la inversión, pues las cadenas cárnicas son históricamente receptoras de ésta, sea nacional o extranjera.

Tomando estos enfoques del contexto a largo plazo, se fijaron cuatro líneas que señalan el rumbo de trabajo hasta el año 2025.

Defensa de las virtudes ambientales de los sistemas de producción ganadera de base pastoril y los beneficios para la salud humana del consumo balanceado de diversos tipos de carne en la dieta.

Agregado de valor a través de mejora del Acceso internacional de las carnes del Uruguay, posicionando en el nivel más alto la Marca país en dichos mercados y trabajando también en el mercado interno con dicha marca.

Defender la Integridad de los Productos y los Procesos empleados en las cadenas cárnicas, supervisados y monitoreados con modernos sistemas de información digital, que posibilitan también brindar la máxima transparencia comercial.

Apuntar a resolver, con otras instituciones, problemas puntuales de Competitividad en las distintas cadenas con aporte de estudios que promuevan acciones ejecutivas.

El mercado interno de carnes en Uruguay se rediseña a partir de 2021. INAC tiene como uno de sus cometidos contribuir a garantizar el acceso de nuestra población a carnes y derivados en cantidad y calidad suficiente.

En los últimos años, y sobre todo a partir de esta Administración, INAC ha decidido focalizarse en la formalización y promoción del mercado interno bajo un nuevo modelo.

En tal sentido, el proceso de rediseño estuvo marcado por distintos hitos, entre ellos, la Ley de Transparencia Comercial e Inocuidad, que le confiere nuevas competencias a INAC y la Ley de Urgente Consideración que le confiere al Instituto (a partir del 21 de enero de 2021) la competencia para habilitar carnicerías en todo el país, luego de más de 30 años a cargo de los Gobiernos Departamentales (salvo en el caso de Montevideo). El proceso se terminó de sellar con la reciente transformación de la Gerencia de Contralor en Gerencia de Mercado Interno, modificándose su denominación, funciones y estructura.

La Gerente de Mercado Interno Fernanda Cuervo explicó que este nuevo enfoque apunta a abordar al mercado interno en forma integral, haciendo foco en la infraestructura, en los procesos de inocuidad y en la idoneidad de los agentes a través de equipos multidisciplinarios, así como el trabajo coordinado con otros organismos estatales (MGAP, Congreso de Intendentes, Gobiernos Departamentales y Ministerio del Interior). Se pone foco en hacer más eficaces y eficientes los recursos humanos asignados al mercado interno, apoyándose para ello en nuevos sistemas tecnológicos.

Entre las actividades que se están cumpliendo se encuentran la aprobación de un nuevo marco normativo, la coordinación de un grupo de trabajo interinstitucional, el desarrollo e implementación de un sistema de registro digital de todas las operaciones con carne del abasto, un plan de promoción específico y la formación de los agentes del mercado interno.

Los próximos años del mercado interno serán desafiantes y se requerirá de una fuerte coordinación institucional, que redundará en beneficio de toda la cadena, de la población y del prestigio internacional de las carnes de Uruguay.

Acceso y Marca de las carnes de Uruguay. Estos son dos pilares fundamentales del plan de mediano plazo, explicó en conferencia de prensa el Gerente de Marketing Lautaro Pérez.

En materia de Acceso, INAC elaboró una Agenda para los mercados internacionales, que fue lanzada en el espacio "Procarnes". Es una agenda de cinco años, que se coordina con Cancillería, Ministerio de Ganadería y Ministerio de Economía.

Por otro lado, se llevan adelantes campañas para activar y posicionar la marca de las carnes del Uruguay en los principales destinos de interés (China, Alemania, Estados Unidos, Japón y Brasil), con una concentración de acciones en Asia.

Debe destacarse la apertura de la oficina de INAC en Asia, que comenzó a trabajar en el mes de noviembre. Es la primera vez que INAC abre una oficina internacional; en tiempos de pandemia esto cobra una vital relevancia ya que permite contar con recursos locales para desarrollar las actividades.

La estrategia de trabajo sigue un plan tanto a nivel del comercio como al del consumidor, y luego según el canal (restaurantes, supermercados, e-commerce). La gran apuesta de largo plazo del INAC es posicionar la



marca a nivel de consumidores, en especial en aquellos países donde Uruguay cuenta con un mejor acceso.

Firmas de convenios para impulsar el comercio de carnes en China

23/12/2020 - 12:31 PM

En las últimas horas quedaron firmados dos convenios relevantes para continuar con las mejoras en la imagen y comercialización de la carne uruguaya en el continente asiático

En primer lugar, el Instituto Nacional de Carnes (INAC) firmó con el Ministerio de Relaciones Exteriores el convenio que permite instalar la oficina del instituto en Asia, con sede en la Embajada de Uruguay en la República Popular China.

La junta de INAC dispuso, el 27 de julio de 2020, apoyar la propuesta de la apertura de esta oficina para brindar apoyo profesional a las empresas exportadoras en las gestiones con las oficinas del gobierno chino y operadores locales. Asimismo, el personal local a cargo, gestiona y apoya la promoción de carnes y derivados, directamente desde esta nueva sede.

Gracias al equipo de la Agregaduría y de la Embajada en Beijing, ha sido posible continuar con una agenda intensa de promoción, lo que hubiera sido imposible realizar desde aquí por las limitaciones impuestas por la pandemia.

Por resolución del 3 de agosto de 2020, la presidencia de INAC dispuso proceder a la apertura de esta representación regional de INAC en Asia; que comenzó a actuar con funciones plenas en el mes de noviembre y que queda oficializada a través de este convenio.

El acuerdo fue firmado por el Canciller Francisco Bustillo y el Presidente de INAC Fernando Mattos en las últimas horas.

Fortalecimiento de los Departamentos Agrícola y Económico Comercial en la Embajada de Uruguay en China

Por otro lado, los ministros de Ganadería Carlos María Uriarte; de Relaciones Exteriores, Francisco Bustillo; y el presidente de INAC, Fernando Mattos, firmaron una adenda para ampliar hasta el 31 de diciembre de 2013, los términos del convenio formalizado en el año 2018, cuando se instaló la Agregaduría de Uruguay en China.

Este acuerdo permite mantener dos funcionarias locales contratadas por el jefe de la Misión de la Embajada, para el apoyo al seguimiento de medidas normativas en materia de alimentos, hacer gestiones en los puntos de ingresos de mercadería y visitarlos si hay dificultades para el ingreso de contenedores y apoyar las acciones de promoción y marketing de las carnes uruguayas, entre otros cometidos.

Ambas reparticiones potenciarán sus acciones y en promoción, trabajarán en forma coordinada y supervisada por la Gerencia de Marketing de INAC.

Desde 2013 China se ubica como primer socio comercial de Uruguay y como primer destino de exportaciones de bienes- 25 % de las ventas de bienes nacionales en el exterior-.

Más del 90 % del monto exportado a China representa a productos de origen agropecuario y agroindustrial.

En carnes, Uruguay presenta una base sólida sobre la cual se está proyectando el posicionamiento de la marca de Carnes del Uruguay, como activos como la trazabilidad y la calidad del producto, atributos que aún resultan desconocidos para el consumidor chino.

En los últimos años se han realizado diversos estudios de mercado y consumidores en China. En 2020 se han realizado ocho seminarios con restaurantes, una campaña masiva para consumidores en Tmall a través de la plataforma Ali Baba, 3 ferias con clientes y 2 eventos con empresas.

Instituto de la Carne de Uruguay instala oficina en China para mejorar gestiones y promoción

El Instituto Nacional de Carnes de Uruguay (INAC) instaló en noviembre una oficina oficial en China para brindar apoyo profesional a las empresas exportadoras uruguayas, agilizar gestiones públicas y privadas chinas, y promoción de la carne. La oficina comercial se ubica en la Embajada de Uruguay en China y se contrató a la primera funcionaria china para estar a cargo de la misma. También se contará con personal que trabajará en la gestión y apoyo a la promoción de carnes y derivados. La oficina fue oficializada el pasado 3 de agosto de 2020, por resolución de la presidencia de INAC, pero debido a la pandemia, comenzó a actuar con funciones plenas a partir del mes de noviembre. Entre enero y el 19 de diciembre, Uruguay exportó a China 216.637 toneladas de carne vacuna, una caída del 28,5% en comparación a las 302.893 toneladas comercializadas en el mismo periodo del año pasado. China es el principal mercado de exportación. Fuente: Valor Agro.



PARAGUAY

El año cerrará con récord de exportación de carne bovina

Paraguay : El Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) informó que el año 2020 se cerrará con un número récord en exportación de carne bovina, similar al del año 2014, que fue de 270.000 toneladas. Según el reporte, hasta la fecha lleva registrada 254.000 toneladas exportadas.

La institución destaca además que en cuanto al hato ganadero este año sumará aproximadamente 50.000 cabezas más, cifra que será confirmada en el próximo periodo de vacunación proyectada para enero de 2021.

Según los números, detallados por el presidente de Senacsa, José Martín Camperchioli, en lo que va del año se ha logrado exportar 254.000 toneladas de carne bovina, superando las exportaciones registradas el año pasado.

Dijo que para este año la Senacsa tiene como meta alcanzar las 270.000 toneladas exportadas y de producción, que fue un récord alcanzado en el 2014.

Martín Camperchioli refirió que a la par se ha logrado exportar más de 200.000 toneladas de carne aviar, porcina y menudencias.

En cuanto a las divisas ingresadas al país, dijo que en carne como tal se logró 1.100 millones de dólares y que este año no se logrará alcanzar los 1.400 millones registrados en el 2014 ya que existen productos que con la pandemia bajaron mucho de precio como el cuero.

“Tenemos como meta alcanzar 1.230 millones de dólares de ingreso de divisas al cierre del 2020, 100 millones más de lo alcanzado el año pasado. Vamos a superar la meta alcanzada en 2019”, manifestó.

Paraguay mayor proveedor de carne vacuna de Chile en 2020

29/12/2020 GANADERÍA

Cuando se complete diciembre, Paraguay cerraría el año siendo el mayor proveedor de carne bovina de Chile, con varias toneladas por encima de Brasil y de Argentina. Entre enero y noviembre, Chile ha comprado de Paraguay 87.993 toneladas de carne, un incremento del 24,7% frente a los mismos once meses del año pasado, según datos de la Oficina de Estudios y Políticas Agrarias (ODEPA). Paraguay y Argentina, que creció 7,9% su colocación de carne, fueron los únicos países que aumentaron las ventas a Chile, mientras que Brasil, Uruguay y Estados Unidos experimentaron bajas. Brasil, que es el segundo mayor proveedor del país trasandino, pasó de comercializar 101.872 a 79.213 toneladas entre 2019 y 2020, una caída del 22,2%. Si bien Paraguay lidera en volumen, el producto nacional se desvalorizó 1,9% con una referencia promedio de US\$ 4.468 por tonelada. Es el segundo precio más bajo de todos los exportadores, sólo supera a Brasil por menos de US\$ 100 por tonelada. Fuente: Valor Agro.

Frigoríficos analizan consumo de carne en Chile para prever las ventas de enero

29/12/2020 Los exportadores paraguayos de carne bovina están analizando el comportamiento del consumo chileno durante el periodo de fiestas, lo que marcará el interés de los importadores de cara a los negocios de enero, explicó un industrial a Valor Agro. “Hay que esperar el consumo en las fiestas para poder evaluar”, comentó el exportador y agregó: “Hoy no hay nada, es una semana sin movimientos para concretar acuerdos”. A pocos días de conocerse los datos anuales de exportación, por un año más Chile será el principal mercado para la venta de carne nacional con más de 90.400 toneladas colocadas entre enero y noviembre del 2020. Al mismo tiempo, en los mismos once meses del año Paraguay se posiciona como el mayor proveedor de proteína roja de Chile, por encima de Brasil y Argentina. Fuente: Valor Agro.

Algunos frigoríficos acordaron seguir con las faenas kosher hasta marzo

30/12/2020 GANADERÍA Algunas empresas frigoríficas de Paraguay cerraron contratos con los importadores israelíes para continuar con las faenas kosher durante el primer trimestre del año 2021. Un industrial aseguró a Valor Agro que “hay plantas que cerraron a US\$ 5.700 por tonelada”, una referencia que es US\$ 300 menor a los acuerdos alcanzados a finales de octubre. Al mismo tiempo, dijo que hay otras empresas que todavía continúan en negociaciones. Un broker señaló que algunos frigoríficos iniciaron las faenas kosher en diciembre a US\$ 5.700, un mes más tarde a las empresas que acordaron en US\$ 6.000, y se van a mantener esos precios para las operaciones del periodo enero a marzo. Las cuadrillas de rabinos van a procesar en Paraguay hasta la primera quincena de marzo, dado que luego retornan a Israel para la celebración de las Pascuas Judías. Posteriormente, si hay un nuevo acuerdo de precio, regresarán en mayo. La cotización de US\$ 5.700 por tonelada es similar a los acuerdos que alcanzaron los exportadores de Brasil. Fuente: Valor Agro.

Presidente de Senacsa sobre China: “Es la decisión económica más importante de Paraguay”

30/12/2020 GANADERÍA



Si bien lograr la habilitación de Estados Unidos para la carne bovina de Paraguay es el objetivo más relevante dentro del plan estratégico del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), José Carlos Martín aseguró que la apertura del mercado chino “es la decisión económica más importante del país”. El Presidente del Senacsa dijo a Valor Agro que se están acercando las elecciones nacionales y los candidatos a Presidente, en su evaluación, deben tener como prioridad a China. “Siempre se habla mucho de Itaipú, pero no nos acordamos lo que significaría ingresar al país asiático y es una decisión que es solamente nuestra”, afirmó. Y agregó: “No podemos dejar pasar el tren, los chinos no van a dejar de comer carne o van a desaparecer de la noche a la mañana, por el contrario, el consumo va a seguir en aumento y Paraguay tiene todo para cumplir las exigencias, desde sanitarias, de garantías de inocuidad y de calidad del producto, para entrar a China”. Al mismo tiempo, y considerando la reciente apertura de Uruguay para la venta de carne de cerdo paraguaya, que “es un mercado muy interesante para el corto plazo de US\$ 30 a US\$ 40 millones para el 2021”; dijo que “China puede resultar un destino de más de US\$ 200 millones para un rubro que tiene mucha capacidad de exportación”. Por el contrario, enfatizó que “no veo interés de Taiwán de conseguir la habilitación” de exportación de cerdo paraguayo: “La información adicional que nos piden es totalmente accesorio, no hay mucha predisposición. En Uruguay, la apertura se logró en nueve meses y con Taiwán estamos trabajando hace dos años y sin avances considerables”. José Carlos Martín aseguró para la carne bovina en Taiwán se llegó al objetivo de comercializar 25 mil toneladas, entre cortes congelados y enfriados. Pero remarcó: “Quiero recibir una señal para las menudencias, ya que se han dado muchas vueltas en asuntos que no tienen nada que ver con la sanidad”. Contó que para la carne bovina se hizo un “importante cambio” en las exigencias sanitarias y “se consensuó un nuevo certificado” que estará vigente a partir del 1 de enero del 2021. En relación al segundo cliente más importante en volumen de Paraguay, el Presidente del Senacsa dijo que “sigo muy preocupado por Rusia”, porque es un país que “tiene todos los síntomas de un mercado que está totalmente a la baja”. Histórico. El Presidente del Senacsa destacó el trabajo de la cadena de la carne bovina, que en un año de muchas dificultades por la pandemia y los efectos del clima, el país va a cerrar con volúmenes récord de exportación. Sin contabilizar diciembre, en el 2020 se han colocado a los mercados del mundo 246.128 toneladas por un total de US\$ 1.005 millones. Entre los principales destinos de exportación se ubican Chile, Rusia, Taiwán, Israel y Brasil. Próximo año. Para el 2021 los desafíos del Senacsa son grandes, debido a que hay cambios estructurales que se van a desarrollar en el complejo ganadero e industrial para aportar a la transparencia. Entre varios puntos relevantes, Martín dijo que “las cajas negras ya están instaladas en los frigoríficos, hay cumplimiento de las empresas y quedan ajustar detalles de sistema para una mejor recepción de los datos”, además “se deben definir detalles de la tipificación para luego tener claro qué scanners se precisan”. Por otro lado, confirmó que “hay un borrador de la identificación animal y el interés del equipo económico para que la herramienta se aplique en el cien por ciento del rodeo nacional”, y sumó: “Es un proyecto en el que vamos a trabajar mucho el año que viene y poder comenzar la fase piloto en 2022”. Fuente: Valor Agro.

UNIÓN EUROPEA

BREXIT - Cierran el acuerdo de desvinculación del Reino Unido

After intensive negotiations, the European Commission has reached today an agreement with the United Kingdom on the terms of its future cooperation with the European Union.

President of the European Commission, Ursula von der Leyen said: “It was worth fighting for this deal because we now have a fair and balanced agreement with the UK, which will protect our European interests, ensure fair competition, and provide much needed predictability for our fishing communities. Finally, we can leave Brexit behind us and look to the future. Europe is now moving on.”

The European Commission's Chief Negotiator, Michel Barnier, said: “We have now come to the end of a very intensive four-year period, particularly over the past nine months, during which we negotiated the UK's orderly withdrawal from the EU and a brand new partnership, which we have finally agreed today. The protection of our interests has been front and centre throughout these negotiations and I am pleased that we have managed to do so. It is now for the European Parliament and the Council to have their say on this agreement.”

The draft Trade and Cooperation Agreement consists of three main pillars:

A Free Trade Agreement: a new economic and social partnership with the United Kingdom

The agreement covers not just trade in goods and services, but also a broad range of other areas in the EU's interest, such as investment, competition, State aid, tax transparency, air and road transport, energy and sustainability, fisheries, data protection, and social security coordination.

It provides for zero tariffs and zero quotas on all goods that comply with the appropriate rules of origin.

Both parties have committed to ensuring a robust level playing field by maintaining high levels of protection in areas such as environmental protection, the fight against climate change and carbon pricing, social and



labour rights, tax transparency and State aid, with effective, domestic enforcement, a binding dispute settlement mechanism and the possibility for both parties to take remedial measures.

The EU and the UK agreed on a new framework for the joint management of fish stocks in EU and UK waters. The UK will be able to further develop British fishing activities, while the activities and livelihoods of European fishing communities will be safeguarded, and natural resources preserved.

On transport, the agreement provides for continued and sustainable air, road, rail and maritime connectivity, though market access falls below what the Single Market offers. It includes provisions to ensure that competition between EU and UK operators takes place on a level playing field, so that passenger rights, workers' rights and transport safety are not undermined.

On energy, the agreement provides a new model for trading and interconnectivity, with guarantees for open and fair competition, including on safety standards for offshore, and production of renewable energy.

On social security coordination, the agreement aims at ensuring a number of rights of EU citizens and UK nationals. This concerns EU citizens working in, travelling or moving to the UK and to UK nationals working in, travelling or moving to the EU after 1st January 2021.

Finally, the agreement enables the UK's continued participation in a number of flagship EU programmes for the period 2021-2027 (subject to a financial contribution by the UK to the EU budget), such as Horizon Europe.

A new partnership for our citizens' security

The Trade and Cooperation Agreement establishes a new framework for law enforcement and judicial cooperation in criminal and civil law matters. It recognises the need for strong cooperation between national police and judicial authorities, in particular for fighting and prosecuting cross-border crime and terrorism. It builds new operational capabilities, taking account of the fact that the UK, as a non-EU member outside of the Schengen area, will not have the same facilities as before. The security cooperation can be suspended in case of violations by the UK of its commitment for continued adherence to the European Convention of Human Rights and its domestic enforcement.

A horizontal agreement on Governance: A framework that stands the test of time

To give maximum legal certainty to businesses, consumers and citizens, a dedicated chapter on governance provides clarity on how the agreement will be operated and controlled. It also establishes a Joint Partnership Council, who will make sure the Agreement is properly applied and interpreted, and in which all arising issues will be discussed.

Binding enforcement and dispute settlement mechanisms will ensure that rights of businesses, consumers and individuals are respected. This means that businesses in the EU and the UK compete on a level playing field and will avoid either party using its regulatory autonomy to grant unfair subsidies or distort competition.

Both parties can engage in cross-sector retaliation in case of violations of the agreement. This cross-sector retaliation applies to all areas of the economic partnership.

Foreign policy, external security and defence cooperation is not covered by the Agreement as the UK did not want to negotiate this matter. As of 1 January 2021, there will therefore be no framework in place between the UK and the EU to develop and coordinate joint responses to foreign policy challenges, for instance the imposition of sanctions on third country nationals or economies.

The Trade and Cooperation Agreement covers a number of areas that are in the EU's interest. It goes well beyond traditional free trade agreements and provides a solid basis for preserving our longstanding friendship and cooperation. It safeguards the integrity of the Single Market and the indivisibility of the Four Freedoms (people, goods, services and capital). It reflects the fact that the UK is leaving the EU's ecosystem of common rules, supervision and enforcement mechanisms, and can therefore no longer enjoy the benefits of EU membership or the Single Market. Nevertheless, the Agreement will by no means match the significant advantages that the UK enjoyed as a Member State of the EU.

Big changes coming: getting ready 1 January 2021

Even with the new EU-UK Trade and Cooperation Agreement in place, there will be big changes on 1 January 2021.

On that date, the UK will leave the EU Single Market and Customs Union, as well as all EU policies and international agreements. The free movement of persons, goods, services and capital between the UK and the EU will end.

The EU and the UK will form two separate markets; two distinct regulatory and legal spaces. This will create barriers to trade in goods and services and to cross-border mobility and exchanges that do not exist today – in both directions.

El acuerdo

The Withdrawal Agreement remains in place, protecting amongst other things the rights of EU citizens and UK nationals, the EU's financial interests, and crucially, peace and stability on the island of Ireland. The full and timely implementation of this agreement has been a key priority for the European Union.



Thanks to intensive discussions between the EU and the UK in the Joint Committee and the various Specialised Committees, the Withdrawal Agreement – and the Protocol on Ireland and Northern Ireland, in particular – will be implemented on 1 January.

On 17 December, the EU-UK Joint Committee met to endorse all formal decisions and other practical solutions related to the implementation of the Withdrawal Agreement. As part of these mutually agreed solutions, the UK has agreed to withdraw the contentious clauses of the UK Internal Market Bill, and will not introduce any similar provisions in the Taxation Bill.

Próximos pasos

The entry into application of the Trade and Cooperation Agreement is a matter of special urgency.

The United Kingdom, as a former Member State, has extensive links with the Union in a wide range of economic and other areas. If there is no applicable framework regulating the relations between the Union and the United Kingdom after 31 December 2020, those relations will be significantly disrupted, to the detriment of individuals, businesses and other stakeholders.

The negotiations could only be finalised at a very late stage before the expiry of the transition period. Such late timing should not jeopardise the European Parliament's right of democratic scrutiny, in accordance with the Treaties.

In light of these exceptional circumstances, the Commission proposes to apply the Agreement on a provisional basis, for a limited period of time until 28 February 2021.

The Commission will swiftly propose Council decisions on the signature and provisional application, and on the conclusion of the Agreement.

The Council, acting by the unanimity of all 27 Member States, will then need to adopt a decision authorising the signature of the Agreement and its provisional application as of 1 January 2021. Once this process is concluded, the Trade and Cooperation Agreement between the EU and the UK can be formally signed.

The European Parliament will then be asked to give its consent to the Agreement.

As a last step on the EU side, the Council must adopt the decision on the conclusion of the Agreement.

UE y China concluyen negociaciones para un acuerdo sobre inversiones

30 December 2020 Brussels

The EU and China have today concluded in principle the negotiations for a Comprehensive Agreement on Investment (CAI). This deal follows a call between Chinese President Xi Jinping and European Commission President von der Leyen, European Council President Charles Michel and German Chancellor Angela Merkel on behalf of the Presidency of the EU Council, as well as French President Emmanuel Macron. China has committed to a greater level of market access for EU investors than ever before, including some new important market openings. China is also making commitments to ensure fair treatment for EU companies so they can compete on a better level playing field in China, including in terms of disciplines for state owned enterprises, transparency of subsidies and rules against the forced transfer of technologies. For the first time, China has also agreed to ambitious provisions on sustainable development, including commitments on forced labour and the ratification of the relevant ILO fundamental Conventions.

The Agreement will create a better balance in the EU-China trade relationship. The EU has traditionally been much more open than China to foreign investment. This is true as regards foreign investment in general. China now commits to open up to the EU in a number of key sectors.

President of the European Commission, Ursula von der Leyen said: "Today's agreement is an important landmark in our relationship with China and for our values-based trade agenda. It will provide unprecedented access to the Chinese market for European investors, enabling our businesses to grow and create jobs. It will also commit China to ambitious principles on sustainability, transparency and non-discrimination. The agreement will rebalance our economic relationship with China".

Executive Vice-President and Commissioner for Trade, Valdis Dombrovskis, said: "This deal will give European businesses a major boost in one of the world's biggest and fastest growing markets, helping them to operate and compete in China. It also anchors our values-based trade agenda with one of our largest trading partners. We have secured binding commitments on the environment, climate change and combatting forced labour. We will engage closely with China to ensure that all commitments are honoured fully."

The rules negotiated in this Agreement set a high benchmark in terms of transparency, level playing field, market access commitments and sustainable development. The EU's work on planned autonomous measures in areas such as subsidies or due diligence will continue as a matter of priority.

Today's conclusion in principle of the negotiations is a first step in the process; deliberations for the adoption and ratification of the agreement are yet to take place and will be conducted in full transparency.

During today's call, the leaders also addressed climate change, the COVID-19 pandemic, Hong Kong and human rights. They took stock of the overall EU-China agenda, recording important progress on a number



of key issues, while serving to underline the EU's continued expectations and concerns in other areas. The EU also raised the negotiations for the Strategic Agenda for Cooperation 2025, and proposed that negotiators from both sides should resume their work now that significant progress has been made in the CAI negotiations. The EU side recalled its invitation for President Xi to join an EU-China Leaders' meeting with the participation of the Heads of State and Government of the EU member states to be held in Brussels in 2021.

Ambitious opening and level playing field for European investments

In terms of market access for EU businesses, China has made significant commitments on manufacturing, the most important sector for EU investment in China. Manufacturing makes up more than half of total EU investment – including 28% for the automotive sector and 22% for basic materials. This includes production of electric cars, chemicals, telecoms equipment and health equipment, among others.

China is also making commitments for EU investments in various services sectors, such as cloud services, financial services, private healthcare, environmental services, international maritime transport and air transport-related services.

In the sectors covered, European business will gain certainty and predictability for their operations as China will no longer be able to prohibit access or introduce new discriminatory practices.

The CAI will help to level the playing field for EU investors by laying down very clear rules on Chinese state-owned enterprises, transparency of subsidies, and prohibiting forced technology transfers and other distortive practices.

The agreement also includes guarantees that will make it easier for European companies to obtain authorisations and complete administrative procedures. It also secures access to China's standard setting bodies for European companies.

Embedding sustainability in our investment relationship

The CAI will bind the parties into a values-based investment relationship underpinned by sustainable development principles. This is the first time that China agrees to such ambitious provisions with a trade partner. Amongst others, China is undertaking commitments in the areas of labour and environment such as not to lower the standards of protection in order to attract investment, to respect its international obligations, as well as to promote responsible business conduct by its companies. China has also agreed to effectively implement the Paris Agreement on climate change as well as to effectively implement the International Labour Organisation Conventions (ILO) it has ratified. China has also agreed to make continued and sustained efforts to ratify the ILO fundamental Conventions on forced labour.

Sustainable development matters will be subject to a solid enforcement mechanism by an independent panel of experts as in our other trade agreements. This means a transparent resolution of disagreements with the involvement of civil society.

Enforcement

The implementation of the commitments in the Agreement will be monitored at the level of Executive Vice President on the side of the EU and Vice Premier on China's side. The State-to-State dispute resolution mechanism underpinning the agreement meets the highest standards found in existing EU trade agreements. The Agreement also creates a specific working group to follow the implementation of sustainable development related matters, including on labour and climate.

Continuation of negotiations on investment protection

The package deal reached today includes a commitment by both sides to try to complete negotiations on investment protection and investment dispute settlement within 2 years of the signature of the CAI. The common objective is to work towards modernised protection standards and a dispute settlement that takes into account the work undertaken in the context of UNCITRAL on a Multilateral Investment Court. The EU's objective remains to modernise and replace the existing Member States' Bilateral Investment Treaties with China.

Next steps

Both sides are now working towards finalising the text of the agreement, which will need to be legally reviewed and translated before it can be submitted for approval by the EU Council and the European Parliament.

Sentencia del Tribunal de Justicia de la Unión Europea: Los Estados podrán imponer el aturdimiento en los sacrificios por ritos religiosos

15 December 2020

Sentencia del Tribunal de Justicia de la Unión Europea: Los Estados podrán imponer el aturdimiento en los sacrificios por ritos religiosos

Un técnico de la Eeac detalló porotos y garbanzos con que cuenta la entidad.

Compartir

Email this to someone [Share on Facebook](#) [Tweet about this on Twitter](#)



Los Estados miembros de la Unión Europea podrán imponer un procedimiento de aturdimiento reversible en los sacrificios por ritos religiosos, que no provoque la muerte del animal, sin que ello constituya una vulneración de los derechos fundamentales consagrados por las leyes europeas. Este es el principal resultado del fallo favorable del Tribunal de Justicia de la Unión Europea sobre una ley belga que prohíbe el sacrificio de animales sin aturdimiento previo, prohibición que incluye los sacrificios prescritos por un rito religioso. En concreto, dicha ley, en el marco del sacrificio religioso establece la utilización del aturdimiento reversible, que no provoque la muerte del animal.

La ley belga fue impugnada fundamentalmente por diversas asociaciones judías y musulmanas, que solicitaron su anulación total o parcial. Tales asociaciones alegaban que, al no permitir a los creyentes judíos y musulmanes obtener carne de animales sacrificados conforme a sus preceptos religiosos, que se oponen a la técnica del aturdimiento reversible, el decreto impedía que los creyentes practiquen su religión, contraviniendo así las leyes europeas.

Ahora, el Tribunal de Justicia señala, en primer lugar, que el principio del aturdimiento previo a la matanza responde al objetivo principal de protección del bienestar animal perseguido por el Reglamento de la UE. A este respecto, si bien es cierto que el Reglamento 3 admite la práctica del sacrificio religioso, en el que se puede matar al animal sin aturdimiento previo, en el ámbito de la Unión dicha forma de sacrificio se autoriza solo con carácter excepcional y con el único fin de garantizar el respeto de la libertad de religión. Además, los Estados miembros pueden adoptar normas nacionales destinadas a garantizar una protección más amplia de los animales en el momento de la matanza que las que estipula dicho Reglamento en el ámbito del sacrificio religioso.

Por consiguiente, el Reglamento no se opone a que los Estados miembros impongan una obligación de aturdimiento previo a la matanza, que sea aplicable también en el caso del sacrificio prescrito por ritos religiosos, siempre que se respeten los derechos fundamentales consagrados por la Carta.

En lo que atañe concretamente a la cuestión de si el decreto respeta esos derechos fundamentales, el Tribunal de Justicia recuerda que el sacrificio religioso forma parte de la libertad de manifestar la propia religión, garantizada en el artículo 10, apartado 1, de la Carta. Al imponer en el marco del sacrificio religioso un aturdimiento reversible, en contra de lo establecido por los preceptos religiosos de los creyentes judíos y musulmanes, el decreto conlleva una limitación del ejercicio del derecho a la libertad de estos creyentes de manifestar su religión.

A fin de apreciar si dicha limitación está permitida, el Tribunal de Justicia observa, con carácter previo, que la injerencia en la libertad de manifestar la propia religión que resulta del decreto está efectivamente prevista por la ley y, además, respeta el contenido esencial del artículo 10 de la Carta, dado que se limita a un aspecto del acto ritual específico que constituye el sacrificio religioso y este último no está prohibido en cuanto tal.

A continuación, el Tribunal de Justicia señala que esta injerencia responde a un objetivo de interés general reconocido por la Unión, como es el de fomentar el bienestar animal.

En el marco del examen de la proporcionalidad de dicha limitación, el Tribunal de Justicia concluye que:

Las medidas contenidas en el decreto permiten garantizar un justo equilibrio entre la importancia concedida al bienestar animal y la libertad de los creyentes judíos y musulmanes de manifestar su religión.

A este respecto, declara, en primer lugar, que la obligación de aturdimiento reversible es adecuada para alcanzar el objetivo de fomento del bienestar animal.

En segundo lugar, en relación con el carácter necesario de la injerencia, el Tribunal de Justicia señala que el legislador de la Unión trató de conceder a cada Estado miembro un amplio margen de apreciación en el marco de la conciliación de la protección del bienestar de los animales en el momento de la matanza con el respeto de la libertad de manifestar la propia religión. Pues bien, se alcanzó un consenso científico sobre el hecho de que el aturdimiento previo constituye el medio óptimo para reducir el sufrimiento del animal en el momento de la matanza.

En tercer lugar, en cuanto concierne al carácter proporcionado de la injerencia, el Tribunal de Justicia observa, en primer término, que el legislador flamenco se basó en investigaciones científicas y que quiso privilegiar la práctica de matanza permitida más moderna. Seguidamente, el Tribunal de Justicia pone de relieve que el legislador tuvo en cuenta un contexto social y legislativo en evolución, caracterizado por una creciente sensibilización respecto a la problemática del bienestar animal.

En cuarto, el Tribunal de Justicia señala que el decreto no prohíbe ni obstaculiza la comercialización de productos de origen animal procedentes de animales sacrificados conforme a una práctica ritual cuando esos productos sean originarios de otro Estado miembro o de un tercer Estado.

ESTADOS UNIDOS

Trabajadores de frigoríficos de EE.UU. entre los primeros a ser vacunados contra Covid-19

29/12/2020EMPRESAS Los trabajadores de la industria cárnica deben estar entre los primeros en ser vacunados después de los trabajadores de la salud y los que se encuentran en centros de atención a



largo plazo, de acuerdo con la guía federal aprobada por el Comité Asesor de Inmunización de los Centros para el Control de Enfermedades (CDC). La presidenta y directora ejecutiva del Meat Institute, Julie Anna Potts, aplaudió la orientación e instó a los gobiernos estatales a seguir la decisión de los CDC: “El acceso prioritario a las vacunas es un paso crítico para la seguridad a largo plazo de los desinteresados trabajadores cárnicos y avícolas de primera línea que han mantenido llenos los refrigeradores de Estados Unidos y nuestra economía agrícola en funcionamiento. Los miembros del Meat Institute están listos para apoyar la vacunación de nuestra diversa fuerza laboral, que también brindará una amplia gama de beneficios para la salud en las comunidades rurales y de alto riesgo. Los líderes de la carne y las aves de corral también pueden ayudar en la vacunación de todos los estadounidenses, por ejemplo, ofreciendo almacenamiento en frío de última generación para estas preciosas vacunas”. Los US\$ 1.500 millones en prevención frente a la Covid-19 y apoyos implementados desde los primeros días de la pandemia han revertido el impacto del virus en los trabajadores de carne y aves de corral. Los miembros del Meat Institute han distribuido decenas de millones de piezas de equipo de protección personal, implementado controles de salud y temperatura, instalaciones modificadas radicalmente, realizado pruebas, licencia pagada preventivamente para empleados en cuarentena y de alto riesgo, mejor saneamiento y ventilación del aire, y mucho más. Debido a estos esfuerzos, las tasas de infección por Covid-19 entre los trabajadores de la carne y las aves de corral son ahora más de 8 veces más bajas que en la población general. La priorización de la vacunación para los trabajadores cárnicos y avícolas de primera línea cuenta con el apoyo de líderes de la industria, sindicatos, organizaciones de derechos civiles y ha sido reconocida como una consideración clave en la planificación de la distribución de vacunas en muchos otros países. Fuente: Eurocarne.

Analizando la dinámica del stock ganadero

By DERRELL PEEL - OKLAHOMA STATE UNIVERSITY December 28, 2020

Much of 2020 has been preoccupied with daily and weekly slaughter numbers, carcass weights and boxed beef prices, along with monthly cattle on feed dynamics. The intertemporal volatility through the year adds to the challenge of assessing what, exactly, is the situation regarding the cattle cycle and longer term herd dynamics.

USDA will be providing estimates on January 29, 2021 regarding cattle inventories going into 2021. The data available at this time provides mixed signals about how herd inventories have changed in 2020.

Cowherd changes depend on both heifer retention and cow culling. On January 1, 2020, the number of beef replacement heifers was 18.4 percent of the beef cow inventory. This was down from the peak retention in 2016 of 21.0 percent, when herd expansion was in full force.

Historically, the replacement heifer percentage drops below 18 percent during herd liquidation. Of course, producer plans can change during the year. The July inventory estimate for beef replacement heifers was unchanged from last year but is a low enough level to potentially suggest some herd liquidation.

Heifers not retained for breeding end up in the feedlot. On average, the number of heifers in feedlots in 2020 was down 1.1 percent year over year, with an October 1 estimate that was about equal to one year ago. Heifer slaughter in 2020 is projected to be down about 3.6 percent year over year.

Heifer slaughter as a percent of the cow inventory is not low enough to suggest herd expansion nor large enough to suggest significant liquidation. Taken together, the various heifer data seem to suggest mostly steady heifer retention, which could support a 2021 herd inventory either side of unchanged from 2020 levels.

Beef cow slaughter in 2020 is projected to be up about 2.6 percent year over year. This implies a net beef cow culling rate (beef cow slaughter as a percent of herd inventory) of 10.5 percent. Beef cow culling has increased from the record low level of 7.6 percent in 2015 when herd expansion was accelerated.

Herd culling above 10 percent is consistent with modest levels of herd liquidation though the current level is below the culling rates (typically above 11 percent) that indicate significant herd liquidation. The mid-year cattle report pegged the beef cow inventory down 0.8 percent year over year, generally consistent with the cow slaughter data this year.

In total, the most likely scenario appears to be a beef cowherd on January 1, 2021 in the range of unchanged to down one percent year-over-year. This would continue the slow slide in cattle numbers and general tightening of cattle and beef production in the coming year. Total 2021 cattle slaughter is forecast to be down about one percent leading to a year over year decrease in beef production of 1-2 percent.

Herd dynamics in 2021 could affect these forecasts. If herd liquidation should accelerate, the short-term impacts would be an increase in cattle slaughter due to more heifers and cows in the slaughter totals. Conversely, should the industry move to expand cattle inventories, cattle slaughter would be reduced with fewer heifers in feedlots and fewer cows culled. There is potential for either scenario.

The cattle inventory trajectory in 2021 will depend on numerous factors including control of the pandemic, U.S. macroeconomic conditions, global protein markets, drought conditions, and feed prices, among others.



VARIOS

NUEVA ZELANDA: Brexit lesiona al sector de carnes bovinas y ovinas

2:27 pm on 29 December 2020

The meat industry is urging the government to fight new quotas for local exporters as part of new trade deal between the UK and European Union.

The post-Brexit agreement will mean access will be more controlled.

A new quota will force Kiwi sheep and beef exporters to split their product between the UK and EU, even if one of the markets is not going well.

Meat Industry Association chief executive Sirma Karapeeva said it was a major step back in trade. She said not only would farmers get lower returns, they may not get market access rights guaranteed by the World Trade Organisation.

Beef and Lamb chief executive Sam Mclvor told Morning Report prior to Brexit there was 228,000 tonnes of sheep meat access into the EU, including the UK, and 1300 tonnes of high-quality beef.

'What we'll see here is potentially reductions in export revenue to New Zealand' - Sam Mclvor duration 5' :06" from Morning Report Add to playlist Download

'What we'll see here is potentially reductions in export revenue to New Zealand' - Sam Mclvor

"What's happening with those quotas is that they now have roughly been split 50/50 between the UK and the EU so overnight we've had a significant reduction in the flexibility and the value that we can accrue from those quotas because we've lost the flexibility to put product into either the EU or the UK as customers demand it."

He said the export markets were massively important to New Zealand.

"What we'll see here is potentially reductions in export revenue to New Zealand. That affects farmers, it affects rural communities and that knocks on to every community in New Zealand."

Mclvor said there was fear there would be future tariffs for importers like those in New Zealand.

Beef and Lamb are calling for flexibility in the quota.

He said the government had done a great job advocating on the behalf of exporters and Beef and Lamb now expected the EU and UK to live up to their word that New Zealand would be no worse off under Brexit. Trade and Export Growth Minister Damien O'Connor told Morning Report he did not expect any more tariffs.

'We have a great team of trade negotiators' - Damien O'Connor duration 6' :27" from Morning Report

He said New Zealand was in trade negotiations with both the UK and EU.

"We have a great team of trade negotiators, we're upfront, we're honest, and we will do our very best to make sure our exporters get at least the equivalent deal that we've had and where even possible a better deal."

He said the government was aware of the potential split in quotas and had been trying to assure the UK and EU the flexibility would assist their producers so that there was not oversupply at certain times of the year and undersupply at others.

BOLIVIA aumentó 296% las exportaciones de carne tras la apertura de CHINA

30/12/2020 GANADERÍA

Entre enero y noviembre de 2020, la exportación de carne bovina de Bolivia creció 296% en volumen, pasando de 3 mil a 14 mil toneladas, mientras que la facturación total aumentó 262% con un ingreso que superó los US\$ 61 millones. La mayor posición exportadora, de acuerdo a los datos del Instituto Boliviano de Comercio Exterior (IBCE), está marcada por la apertura del mercado de China, en momentos que se ajustan detalles para iniciar el comercio con Rusia y se aspira a lograr la apertura de Chile. El presidente de la Federación de Ganaderos de Santa Cruz, Alejandro Díaz, dijo a El Mundo que "las cifras de exportación son tan buenas que se prevé cerrar el año superando las 15 mil toneladas de carne bovina que se proyectaron en lo previo". El dirigente ganadero señaló que el volumen de carne comercializado en los mercados internacionales equivale al 10% de la producción total de carne de Bolivia. En otros países del Mercosur el volumen de exportación se acerca al 60% de su producción. "El 10% creemos que es una cifra que no compromete de ninguna manera la seguridad alimentaria, ni el abastecimiento de la canasta interna. Estamos seguros que esta cifra puede aumentar más y la producción también", aseveró Díaz. De cara al 2021, los ganaderos tienen como primer desafío exportar carne a Rusia. "Se está terminando de afianzar el protocolo de exportación a Rusia, lo único que faltaba era la firma del parlamento ruso y del parlamento euroasiático. Estamos cerca de comenzar con este mercado", afirmó.



EMPRESARIAS

Piden a frigorífico brasileiro una indemnización de 6,8 millones de euros por la venta de carne de origen ilegal

29/12/2020 - En 2019 y 2020 vendió más de 4.000 animales de zonas deforestadas ilegalmente EUROCARNE | En acción civil pública interpuesta ante el Juzgado Federal de Amazonas, el Ministerio Público Federal (MPF) del estado de Amazonas solicitó que Frigorífico Amazonas fuera condenado al pago de al menos 6,8 millones de euros como indemnización por daño colectivo moral y ambiental por la venta de productos bovinos de pastizales abiertos por deforestación ilegal. En la demanda, el MPF también pide que se prohíba al matadero sacrificar o comercializar ganado de origen ilegal, bajo pena de multa de 786 euros por animal. También requiere que se le exija presentar, sobre la venta de todos los productos bovinos, información sobre el origen del producto, además de ser citado para asistir a una audiencia de conciliación.

Desde 2009, el MPF trabaja para regularizar la cadena de producción ganadera en Amazonas a través del programa Carne Legal. La agencia ha firmado términos de ajuste de conducta (TAC), desde 2013, con los mataderos más grandes de la región, para que no vendan, faenan ni reciban ganado de fincas donde se ha producido deforestación ilegal de nuevas áreas desde el 22 de julio. 2008, excepto cuando el productor presente el documento de autorización de la agencia ambiental estatal.

Frigorífico Amazonas no se adhirió al convenio al no adecuar su cadena productiva en la forma prevista en el TAC. En la acción civil pública remitida a la Justicia, el MPF presenta hechos hallados en un trámite de seguimiento administrativo que demuestran que el matadero ha venido contribuyendo a la deforestación de la selva amazónica y a la degradación del medio ambiente en general, vendiendo productos de carne de res de fincas donde se encontraban.

Entre enero de 2019 y septiembre de 2020, Frigorífico Amazonas adquirió 4323 bovinos de predios incautados por el Instituto Brasileño de Medio Ambiente y Recursos Naturales Renovables (Ibama) o que deforestaron ilegalmente nuevas áreas, según se determinó.

El MPF solicita que Frigorífico Amazonas sea condenado a indemnizar por daño moral colectivo considerando los daños ambientales causados por la conducta de la empresa y el derecho de todas las personas a un medio ambiente sano. El organismo señala que la reparación del daño moral colectivo es independiente de las sanciones penales y administrativas de las que también se puede responsabilizar al Frigorífico Amazonas.

Para cuantificar el monto a determinar como compensación, el MPF solicita a la Justicia que utilice como referencia el monto de 7,86 euros por kilo de carne comercializada ilegalmente.